

VOZES E RESSONÂNCIAS, RESISTÊNCIA E RESÍDUO NO
ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO: A CASA DE 365
JANELAS

VOICES AND RESONANCES: RESISTANCE AND RESIDUALITY
IN THE NOVEL THE HOUSE WITH 365 WINDOWS

Aldinida Medeiros¹

 0000-0001-9349-5492

Enviado em: 10/12/2023

Aceito em: 08/02/2024

Publicado em: 09/11/2024

RESUMO: Há muito que o romance histórico perdeu seu aspecto de ficção historicista. A partir da primeira metade do século XX, vem se tornando, cada vez mais, um espaço literário de rupturas, reflexões críticas e questionamentos. Surgiram, por conseguinte, releituras que ressignificam a História; algumas delas, inclusive, como ressonâncias de vozes que lutaram pelas minorias. Espaço de resistência, também, têm se mostrado a crítica advinda dos Estudos Culturais, a exemplo da crítica que se volta para a autoria feminina. O estudo ora apresentado tem por objetivo elucidar resistência e residualidade no romance histórico contemporâneo A casa de 365 janelas, da autoria de Deo Saraiva, numa linha de entrecruzamento teórico, confluindo os estudos da Residualidade literária e cultural e de crítica literária sobre Autoria Feminina. Para aporte teórico, tomamos como base Pontes (2020), Silva (2020), Medeiros (2019), Martins (2015), Pontes e Martins (2015), Vieira (2008), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico Contemporâneo. Residualidade. Resistência. Minorias. Autoria feminina.

ABSTRACT: The historical novel is not more, since long time a historicist fiction. From the first half of the 20th century onwards, it has increasingly become a literary space for ruptures, critical reflections and questions. Therefore, reinterpretations emerged that give new meaning to History; some of them even echo voices that fought for minorities. A space for resistance has been well demonstrated by criticism coming from Cultural Studies, such as the criticism that focuses on female authorship. The study presented here aims to elucidate aspects like resistance and residuality in the contemporary historical novel "The House of 365 Windows", written by Deo Saraiva, in a line of theoretical intersection, bringing together the studies of literary and cultural Residuality and literary criticism about Female Authorship. For theoretical support, we took as principal texts Pontes (2020), Silva (2020), Medeiros (2019), Martins (2015), Pontes and Martins (2015), Vieira (2008), and others.

KEY WORDS: Contemporary Historical Novel. Residuality. Resistance. Minorities. Female authorship.

¹ Doutora em Literatura Comparada (PPgEL/UFRN); Pós-doutorado pela Universidade de Coimbra (2015). Professora Associada III do Departamento de Letras (DL/CH/UEPB); Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB); Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/DGP/CNPq); E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com.

Dedicatória

Dedico este artigo à memória de um integrante GERLIC muito especial, que nos congregava em cirandas bibliográficas residuais: ao querido Francisco Wellington Rodrigues Lima, que tão cedo partiu, mas que deixou marcas de luz por onde passou.

O residual seria, então, tudo aquilo formado no passado, mas passível de ser constantemente retomado, de forma inconsciente, por indivíduo, trazemos Medeiros os de um grupo ou camada social, de modo a ser tido como algo próprio mesmo das épocas posteriores ao seu surgimento (Torres; Pontes, 2012, p. 235).

Naquele ano, quase no fim da escravidão no Brasil, homens e mulheres negros andavam sem rumo, à procura de trabalho que lhes desse pelo menos subsistência. Assim, antes da morte de Diara, muitos já haviam partido para se juntar a outros no Quilombo José da Serra [...]. A despeito de todos os sonhos de Teresiano, a Fazenda Amoreiras foi fechada sem deixar herdeiros que perpetuassem sua história (Saraiva, 2020, p. 154).

Apresentação

Há muito que o romance histórico perdeu o seu aspecto de ficção historicista. Uma vez que, desde as significativas transformações que vêm distanciando-o do modelo Scottiano, a partir da primeira metade do século XX, tem se tornando cada vez mais um espaço literário de rupturas, reflexões críticas e questionamentos. Surgiram, a partir disso, releituras transgressoras que ressignificam a História, algumas assumindo a forma e o conceito de Metaficção Historiográfica, conforme apontado por Linda Hutcheon (1991).

É como um romance histórico que revê e questiona o passado que compreendemos a narrativa d'*A casa de 365 janelas* (2020), em segunda edição, da escritora carioca Deo Saraiva². Diante disso, buscamos confluir residualidade e resistência no romance histórico contemporâneo, considerando que o olhar autoral do/da romancista, na atualidade, não mais se prende à fidelização histórica. Assim, utilizando-nos desses entrecruzamentos teóricos, direcionamos o nosso trabalho para uma leitura conceitual e crítica que nos evidencie a residualidade no romance *corpus*, apontando a ruptura que a metaficção historiográfica possibilita. Para o aporte teórico, escolhemos como base Martins (2015); Medeiros (2019); Pontes (2020); Pontes e Martins *et al* (2019); Silva (2020); Vieira (2008); dentre outros.

² A escritora Deolinda Saraiva optou por utilizar, na obra, esta forma de seu nome.

O enredo deste romance inicia em 1816³, apresentando a vida de Teresiano Martins Amoreiras Fonseca, Comendador português; viúvo e com um filho de 10 anos: Estevão. Desse modo, o tempo da narrativa atravessa a segunda infância, a adolescência e a vida adulta do seu filho, bem como, a trajetória do Comendador como fazendeiro escravagista, homem rude. Em suma, a figura própria do colonialismo e fiel representante dos valores do patriarcado.

Para o estudo deste romance histórico contemporâneo, optamos por um viés teórico-metodológico que tem como pilar a Teoria da Residualidade, sistematização feita por Roberto Pontes, a qual “baseia-se no pressuposto de que nada é novo na literatura nem na cultura, pois tudo remanesce de outros tempos e/ou espaços” (Pontes; Martins, 2015, p. 11).

Residualidade Literária: o romance tece história, costura memórias e resgata vozes

A Teoria da Residualidade⁴ está sistematizada na pesquisa intitulada *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*, publicada em 1999, no texto da Dissertação de Mestrado de Roberto Pontes. Muitos ensaios já existem, a partir deste texto de origem, tanto de Pontes como de outros pesquisadores que a adotaram. Assim, buscamos luz em textos como: *Residualidade ao alcance de todos* (2015); no ensaio *A teoria da residualidade e sua sistematização* (2019); e mais alguns artigos da coletânea *Verso e reverso da palavra: estudos críticos sobre a obra de Roberto Pontes* (2022).

A partir das postulações de Pontes (2015; 2019; 2022), compreendemos por resíduo os resquícios do passado que, ao longo do tempo, foram se acumulando na mente humana e depois cada cultura os absorvia e reproduzia. Essa mentalidade é refletida, principalmente, nos textos literários de forma involuntária. Desse modo, com fundamentação nesta teoria, entende-se que nada na cultura ou na literatura é original, tudo é residual, ou seja, provém do passado:

[...] resíduo é aquilo que remanesce de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura. O resíduo é dotado de extremo vigor. Não se confunde com o antigo. É **manifestação dotada da força do novo** porque passa sempre por uma cristalização (Pontes *apud* Silva, 2019, p. 105, grifo nosso).

³ Embora o período histórico descrito na obra seja o final do Período Colonial e início do Imperial, fazemos menção ao período usando o termo “Colonial”, em função das práticas do sistema colonialista, ainda predominante durante longa parte do Brasil Império.

⁴ Há uma extensa bibliografia explicando a *Teoria da Residualidade Literária e Cultural*, motivo pelo qual não nos deteremos em explicá-la de maneira aprofundada e detalhadamente.

Mediante o exposto no fragmento do texto teórico-crítico, ocorre que resíduos mentais vão migrando e se incorporando às culturas sem que se perceba. Em outras palavras, é um ato espontâneo e gera um acúmulo considerável de resíduos; estes, por sua vez, terminam por influenciar a criação literária que, mesmo com o passar do tempo e do espaço, não os deixa passar despercebidos. Isto porque, as reminiscências que se acumulam são refletidas quer as vejamos, quer não. Logo,

podemos dizer, resumidamente, que a *Teoria da Residualidade Cultural e Literária* busca reconhecer as *mentalidades* nas várias épocas e estilos, além de procurar justificar a complexidade teórica aplicada por estudiosos acerca da estética literária de autores e obras [...] (Silva, 2019, p. 186, grifos do autor).

Com base no excerto, observamos que, no lastro do conceito da residualidade, um dos pilares é a concepção de cristalização. Além dos conceitos de resíduo e cristalização, outros dois se somam para compor a residualidade literária e cultural, são: o de mentalidade e o de hibridação cultural. Por conseguinte, buscando esclarecer as diferenças entre resíduo e elemento arcaico, Roberto Pontes assevera que esse método investigativo “deve ser entendido como elemento vivo que remanesce de uma cultura em outra” (Silva, 2007, p. 41). Ou seja, o arcaico fica no passado; o residual, encontramos-lo no presente.

Os autores de romance histórico assim o fazem. Por isso, em paráfrase a Medeiros (2010) apontamos como relevante considerar que este subgênero romanesco tira partido da condição de não se conhecer objetivamente o passado e o encara como um propulsor de temas para a ficção, concentrando-se, sobretudo, nas particularidades da vida privada dos personagens históricos. Isso posto, a ensaísta Aldinida Medeiros (2010) cita Maria de Fátima Marinho (1999), quando esta afirma que, estando as interpretações teleológicas da história em declínio, vamos perceber que as ações praticadas pelos chamados “grandes homens” já não têm mais o caráter de ações universais e ficam reduzidas às suas motivações pessoais.

Vozes e ressonâncias, resistência e resíduo no romance histórico contemporâneo: *A Casa de 365 Janelas*

Ao observarmos a história da Fazenda Amoreiras, que é uma ficcionalização da Fazenda Santa Clara, observamos, justamente, o teor sobre o que apontou Fátima Marinho (1999). Pensado por este prisma, a Residualidade se encontra neste romance histórico na retomada do passado colonial, permitindo-nos conhecer aspectos do período em que o colonialismo era prática vigente na Europa e que dizimou, de forma grotesca e impiedosa, populações de outros continentes – notadamente a África e a América do Sul. A autora, por sua vez, reflete acerca da visão de seu tempo, sem se

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

desligar do passado que lhe cedeu a matéria viva. Sendo assim, a voz narrativa traz esse aspecto no romance em análise, justamente, quando mostra as condições de vida do povo escravizado:

A senzala que acomodava os homens era pequena, suficiente para que dormissem até 50 escravos enfileirados lado a lado no chão de barro. Ficava a 50 metros da casa, com 12 metros de extensão por seis de largura. O telhado era baixo, a cobertura era em bambu com palhas e folhas de palmeiras trançadas e a estrutura construída também em taipa com troncos de árvores. A ventilação fora feita por pequenas aberturas retangulares com grades de troncos grossos de madeira com 20 centímetros de altura (Saraiva, 2020, p. 13).

Se a personagem Noêmia tem um propósito, é justamente o de preservar a memória de seus antepassados; visto que, ao longo do enredo romanesco, as condições de vida dos escravizados vão sendo mostradas – como se fora isso uma realização indireta daquilo que Noêmia se propõe a fazer. Portanto, ainda que de modo indireto, temos, neste excerto, a memória da personagem que vai buscar outra memória; isto é, a memória mais longínqua, para não deixar que esqueçamos o quão terrível foi o período da escravidão.

A história da humanidade registra, ao longo de séculos, muitos povos escravizados. Assim, é por meio da retomada do passado, mais especificamente, do período colonial, que se instaura a residualidade neste romance histórico:

Quando os escravos se recolhiam após a última refeição, antes de o sol se pôr, uma porta de madeira pesada com tramela por fora era cerrada pelo capataz para garantir que nenhum escapasse. A senzala das mulheres era uma casa de 30 metros quadrados que ficava no lado oposto, também de pé direito baixo, construída da mesma forma para evitar fugas (Saraiva, 2020, p. 13).

Isso posto, vemos que as duas citações diretas do romance em tela mostram que a memória é importante para a Residualidade. Pensamos, pois, na senda do que afirma Maurice Halbwachs, quando ele afirma que a memória é: “[...] em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores” (1990, p. 71). Assim, observamos que a forma de pensar deste teórico coaduna-se com a de Roberto Pontes (2015, 2019, 2022); pois, se a residualidade traz o que já está cristalizado em outras culturas e em outros tempos, Halbwachs (1990) pensa de maneira semelhante ao afirmar que, a lembrança é considerada como reconstruções, visto que, “[...] é de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (Halbwachs, 1990, p. 71).

Dessa maneira, a alteração é o olhar do presente, pois, ela é responsável por condenar os atos do passado e possibilitar a reflexão e a crítica para que não mais se repitam. Assim, como a memória é um elemento importante para o conjunto, a

Residualidade como método de análise imprime uma nova roupagem, ou seja, dá vida e continuidade; por conseguinte, “é aquilo que remanesce de uma época para outra e tem força de criar de novo toda uma cultura, toda uma obra” (Moreira, 2007, p. 41.) – ou seja, um *continuum*.

Diante disso, constatamos que, remanesce a história de Teresiano, mas, sem dúvida, com um olhar diferente que vai criar o novo na forma de olhar e criticar as práticas escravagistas. A partir do que lemos em Halbwegs e Pontes, acreditamos que o romance em estudo é residual, pois a figura histórica existiu:

No ano de 1824 o seu filho Francisco Tereziano⁵ Fortes de Bustamante foi agraciado pelo governo imperial com uma sesmaria de terras, onde montou a fazenda Santa Clara, concluída em 1856. A fazenda foi deixada, com sua morte, para a viúva Maria Tereza de Souza Fortes, Viscondessa de Monte Verde. Com a morte da Viscondessa, que não tinha descendentes diretos, a fazenda ficou com o seu irmão Carlos Teodoro de Souza Fortes, que era o 2º Barão de Santa Clara. A fazenda acabou sendo hipotecada ao banco. Depois, foi à leilão e arrematada pelo Comendador Modesto Leal e, em seguida, ao Coronel João Honório⁶. (Comendador Francisco Thereziano Fortes de Bustamantes⁷, [s.d.], [s.p.]).

E por isso, a Residualidade nos traz uma fazenda Amoreiras e um outro Teresiano. Isto é, à casa da Fazenda Santa Clara é possível aplicar o contrato mimético da ficção. Apesar de se pautar nesta personagem histórica, *A casa de 365 janelas* (2020) traz outras personagens que consideramos importantes e referenciais para a trama. Dessa forma, justificamos este pensamento evocando o estatuto da personagem referencial para melhor situar. Diara e Trepa Muleque, por exemplo, são personagens ficcionais, sem comprovação de existência histórica. Além disso, elas são figuras que possivelmente existiram, mas não são figuras com comprovação por documentos históricos. Este aspecto é apenas uma das facetas da metaficção crítica que

⁵ A grafia do nome do comendador, no romance, é Teresiano.

⁶ “O fazendeiro e minerador nascido em São João Del Rei, então Capitania de Minas Gerais, Luiz Fortes de Bustamante e Sá, assumiu, no final do século XVIII, o cargo de guarda-mor do registro de Rio Preto. Mas Luiz desistiu do cargo, sendo substituído pelo seu irmão Francisco Dionísio Fortes de Bustamante, que mudou com a esposa e filhos em Rio Preto, em 1800, aproximadamente. No ano de 1824 o seu filho Francisco Tereziano Fortes de Bustamante foi agraciado pelo governo imperial com uma sesmaria de terras, onde montou a fazenda Santa Clara, concluída em 1856. A fazenda foi deixada, com sua morte, para a viúva Maria Tereza de Souza Fortes, Viscondessa de Monte Verde. Com a morte da Viscondessa, que não tinha descendentes diretos, a fazenda ficou com o seu irmão Carlos Teodoro de Souza Fortes, que era o 2.º Barão de Santa Clara. A fazenda acabou sendo hipotecada ao banco. Depois, foi à leilão e arrematada pelo Comendador Modesto Leal e, em seguida, ao Coronel João Honório. Hoje é propriedade de seus descendentes”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Santa_Clara_\(Santa_Rita_de_Jacutinga\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Santa_Clara_(Santa_Rita_de_Jacutinga)). Acesso em: 6 fev. 2024.

⁷ Para mais informações, conferir: <https://www.geni.com/people/Comendador-Francisco-Thereziano-Fortes-de-Bustamante/6000000078027649169>. Acesso em: 6 fev. 2024.

reafirma, portanto, a função do romance histórico, assim como, as relações profícuas entre a ficção e a História. Configurando-se, por conseguinte, como um campo prolífico para as discussões contemporâneas, a narrativa de extração histórica tem nos proporcionado um vasto acervo de produções que refletem e desconstróem premissas estabelecidas pelos discursos dominantes da macro-história. (Pontes, 2022, p. 23).

Nesse sentido, ao explicar os processos narratológicos na *Construção da personagem romanesca*, Cristina da Costa Vieira (2008, p. 236), aponta que, a personagem pode ser definida pela ação que vai executar, de modo que esta assume a propriedade de dimensionar a personagem; cujo crescimento, na obra, poderá ser proporcional ao impacto da ação a ser realizada. Em outras palavras, a ação tem a propriedade de dimensionar a personagem, no sentido de que se ela for de grande impacto, certamente, a personagem crescerá dentro dela.

Diara, por exemplo, traz grande relevância já na primeira metade do enredo romanesco. Uma vez que, a figuração desta personagem nos remete para o que afirma Carlos Reis (2007), sobre a literatura como grande propulsora ficcional; ressaltando que, para além do fazer empírico, ao qual ela não pertence e, para além da pesquisa documental, ela apresenta,

[...] a configuração de mundos ficcionais, sem obrigação de verificação empírica ou de validação documental; a propensão para a elaboração simbólica, metafórica ou alegórica; a vocação para cultivar, na linguagem verbal que em primeira instância suporta o discurso literário, procedimentos estilísticos de muito variada feição. (Reis, 2007, p. 41).

Conforme mencionamos, outra presença também importante na trama é Trepá Muleque. Ela lidera uma greve silenciosa, porém, muito significativa das escravas parideiras que atrapalha um dos negócios de sustentação da fazenda: a reprodução de escravizados para venda. Sendo assim, esse viés econômico fora meticulosamente planejado pelo Comendador:

Em 1807, a Inglaterra proibira o tráfico negreiro para suas terras, e Teresiano previa que o movimento se espalharia para outros países europeus. Visionário e uma raposa em negócios, apesar de poucos estudos, sabia que, em menos de 20 anos, seria quase impossível trazer escravos da África. A reprodução era outra mina de ouro, pensava, pois geraria mão de obra para ele e outras fazendas com custos muito menores. As negociações para a compra de escravos eram demoradas e caras; os navios levavam ouro, mercadorias e armas para os países africanos e, em troca, voltavam com o plantel adquirido. Era necessário calcular, como o Barão comentava, a margem de “perda do produto” no caminho. Quase 15% dos escravos morriam no trajeto, por viajarem amontoados nos porões abafados, por carência de água ou de alimento, às vezes por tudo isso junto (Saraiva, 2020, p. 23).

Isso posto, trazemos este longo excerto para mostrar o encaminhamento, na narrativa romanesca em análise, deste artil utilizado por aquele que detém o poder,

evidenciando no homem de negócios e no *modus operandi* do colonialismo as práticas desumanas. No conjunto, mostrar tais ações destaca tão somente o sistema dominante, mas evidencia a situação dos dominados; possibilitando que se valorize e se preserve mais vivamente e a identidade de um povo ao qual a História marginalizou, silenciou e maltratou.

Outrossim, constatamos que, a matéria residual neste romance traz do passado práticas que não se devem repetir, tendo em vista que, deixa espaço para reflexão; uma vez que põe o dedo na ferida do passado colonialista. Ademais, vale lembrar que os feitos dos dominantes sempre, ou na grande maioria das vezes, foram exaltados, e foram tratados como heróis nos registros históricos. Situação essa que a literatura consegue reverter por meio do romance histórico contemporâneo, ou da metaficção historiográfica (Cf. Hutcheon, 1991); pois narrar é sobreviver através da memória: “Quase 15% dos escravos morriam no trajeto, por viajarem amontoados nos porões abafados, por carência de água ou de alimento, às vezes por tudo isso junto” (Saraiva, 2020, p. 23). Em outras palavras, a narrativa é um registro que preserva as diversas formas de memória. Neste aspecto, a romancista corrobora a importância da memória por meio da narrativa ficcional histórica, na medida em que <<põe o dedo na ferida social da escravidão>>, expressão figurada nossa – para mostrar práticas que hoje necessitam de reparações sociais.

Considerações finais

Ao levarmos em consideração a nossa análise crítico-reflexiva sobre a metaficção historiográfica em tela, observamos que, todo o processo narratológico (Cf. Vieira, 2008) e de configuração de narrativa romanesca pós-moderna (Cf. Hutcheon, 1991), ratifica a nossa afirmação sobre o romance histórico contemporâneo colaborar, principalmente, com o resgate da memória marginal da História. Isso é, aquela que, por vezes, não consta nos registros oficiais, mas que, a partir desses, se pode construir, mesmo que ficcionalmente. Assim, por todos estes aspectos apresentados nesta escrita romanesca, e a partir do contrato mimético promovido pelo romance histórico contemporâneo, percorremos as veredas entre ficção e História, ou seja, nos caminhos que nos levam à Fazenda Amoreiras, nome ficcional escolhido por Deo Saraiva.

Visto que, antes de o narrador voltar para o tempo presente da narrativa, cujo enfoque se volta para as ações de Noêmia – para tentar resolver o problema da herança, envolvendo o condomínio e diversos os herdeiros da Fazenda Amoreiras –, é apresentado ao leitor a finalização da narrativa dos tempos passados, de Teresiano e de Estevão; mostra o declínio da fazenda, que termina sendo hipotecada; além da morte da Viscondessa Maria Francisca; a internação de Deodora em um hospício; e, de forma significativa, a morte de Diara, que termina seus dias como dona da Fazenda.

Diante disso, observamos que a romancista ressalta a africanidade da mulher que, efetivamente, foi quem governou aquela casa, ainda que em sua condição de escravizada; detalhando, desse modo, a sua liderança também como Mãe de Santo na fazenda.

Portanto, constatamos que são momentos como estes que nos fazem acreditar que os enredos romanescos, na perspectiva de uma revisão da História, reveem a historiografia, isto é, reavivando a memória coletiva das classes marginalizadas ou excluídas. Contudo, mediante o exposto, chegamos às considerações de que, pela Teoria da Residualidade, foi o nosso intento analisar elementos em um texto da cultura presente com traços oriundos, porém, ressignificados, de uma cultura anterior. Em suma, vemos que o resíduo nada mais é do que vestígios que vieram de tempos precedentes e permanecem no presente através da absorção ao longo dos tempos; em outras palavras, são mentalidades implantadas no contemporâneo, mas que têm raízes em tempos remotos.

Referências

COMENDADOR FRANCISCO THEREZIANO FORTES DE BUSTAMANTES. Verbete GENY, Genealogy Project. Disponível em <https://www.geni.com/people/Comendador-Francisco-Thereziano-Fortes-de-Bustamante/6000000078027649169>. Acesso em: 0 fev. 2024.

CONJUNTO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA FAZENDA SANTA CLARA. IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/136/bens-tombados-conjunto-arquitetonico-e-paisagistico-da-fazenda-santa-clara>. Acesso em 15 mar. 2024. EPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

GABRIEL, J. de F. A reprodução de escravos e a visão historiográfica na Fazenda Santa Clara (1824-1860). *Revista Interdisciplinar do Direito - Faculdade de Direito de Valença, [S. l.]*, v. 7, n. 01, p. 267-272, 2010. Disponível em:

<https://revistas.faa.edu.br/FDV/article/view/560>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FAZENDA SANTA CLARA (SANTA RITA DE JACUTINGA) Verbete Wikipédia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Santa_Clara_\(Santa_Rita_de_Jacutinga\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Santa_Clara_(Santa_Rita_de_Jacutinga)). Acesso em 06 fev. 2024.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

- LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. A Igreja e o Estado: resíduos do medievo no romance Boca do Inferno, de Ana Miranda. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias et all. *Todas as idades são contemporâneas*. Macapá: Editora da Unifap, 2019.
- MARINHO, Maria de Fátima. *O Romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- MEDEIROS, Aldinida. *Mulheres no romance histórico contemporâneo português*. Curitiba: Appris, 2019.
- MOREIRA, Rubenita Alves. *Dos mitos à picaresca: uma caminhada residual pelo Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, 2007. [Edição em livro] MOREIRA, Rubenita Alves. *Dos mitos à picaresca: uma caminhada residual pelo Auto da Compadecida*. Saarbrücken (Alemanha): Novas Edições Acadêmicas, 2016.
- PONTES, Francisco Edinaldo de. *Política e teocentrismo em A rainha santa e A rainha vermelha: a representação feminina em perspectiva*. 2022. 165f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Centro de Educação. Universidade Estadual da Paraíba.
- PONTES, Roberto. *Cristalização estética como polimento na Literatura e na cultura*. In: *Residualidade ao Alcance de Todos*. Orgs. Roberto Pontes; Elizabeth Martins. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.
- PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias et all. *Todas as idades são contemporâneas*. Macapá: Editora da Unifap, 2019.
- REIS, Carlos. *Figuração da personagem: a ficção meta-historiográfica de José Saramago*. In 2013, J. Santa-Bárbara, Vontades. *Uma leitura de Memorial do Convento*. 2ª ed.. Disponível em https://www.academia.edu/7457493/Figuração_da_personagem_em_a_ficção_meta-historiográfica_de_José_Saramago.
- SARAIVA, Deo. *A casa de 365 janelas*. 2. ed. Rio de Janeiro- Valença, Edição da Autora, 2020.
- SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Mentalidade e residualidade em Memória corporal, de Roberto Pontes*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, 2007.
- TORRES, José William Craveiro; PONTES, Roberto. *Resíduos clássicos no Rito Iniciático do Cavaleiro Medieval*. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). *De cavaleiros e cavalarias: por terras de Europa e Américas*. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 233-246.
- VIEIRA, Cristina da Costa. *A construção da personagem romanesca: processos definidores*. Lisboa: Colibri, 2008.